

lÍrico está de plena posse de suas vivências, além de um considerável “conhecimento de causa” – o que dá a ele a liberdade dos gestos extremos. a sua escrita me traz à mente algo como um balé *kamikase*: cruza os braços em queda livre e segue caindo com graça. assim, é um texto de uma coragem e de uma sutileza assombrosas. o que me encanta nele, particularmente, é o seu contato com alguma coisa que se encontra além da mente, além do discursivo. a meu ver, quando a sua poética se aproxima de uma escatologia, não se trata da escolha deliberada por um “caminho maldito” – mas, sim, de um reconhecimento, *através da experiência*, de que não existe separação entre os fenômenos. a sua poesia é, entre outras coisas, o registro de uma vivência meditativa desconcertante. e é também a busca de uma salvação, a tentativa de viver dentro dessa perplexidade. exatamente por isso, parece ocupar um lugar único dentro da nossa geração. ao mesmo tempo, também aponta radicalmente para uma direção em que estamos, muitos de nós, nos enveredando: rumo a uma dissolução entre as fronteiras da prosa e da poesia; à apropriação, meio esquizofrênica, do discurso alheio; aos nossos procedimentos, debochados até por nós mesmos, dos tais *copy and paste*. e, nesse sentido (para não mencionar vários outros, como a acusação da linguagem), *noiva* é um livro extremamente contemporâneo. sei que o seu livro vai beneficiar muitos seres. literária e extra-literariamente falando (mas que será, sempre, um benefício da esfera da arte). fico feliz e muito grata por poder fazer parte desse seu projeto.

cláudia roquette-pinto

ã

É como se o chão tivesse se aberto sob os meus pés, como se estivesse tudo no ar, tudo sem sentido, sem nexos—o que me faz sentir-me desconstruído, confuso. No entanto, quando olho à volta, vejo que está tudo aí, no lugar, como sempre esteve, e nada está sendo ameaçado, tudo dentro da normalidade. Para tentar escapar desse sentimento de desconforto, às vezes me entusiasmo por uma ou outra coisa, mas nenhum desses ânimos se sustenta, e eu logo caio novamente no vazio. Da mesma forma, tenho as reações mais chãs, na tentativa de reconhecer-me. Percebo, no entanto, que essas identidades já não estão funcionando mais para mim, já não me reconheço nelas. O desafio é aprender a ocupar todo o espaço que se abriu dentro de mim, a *me ver* desde um outro ponto de vista, a ganhar uma nova identidade. Não sou mais homem nem poeta, sou Deus, com todos os seus atributos. Mas como se faz isso? Coragem—

ã

NOIVA

RENATO REZENDE



NOIVA

RENATO REZENDE

ã

querido renato, este livro é o amadurecimento do seu projeto. é a seqüência inevitável (mas ainda assim, surpreendente) do que você já roçava explorar em *ímpar*. já lhe contei antes sobre o efeito que o *ímpar* teve em mim. eu o li de uma só vez, numa tarde, sentada debaixo de um pinheiro. ao chegar ao fim da leitura, estava chorando. tinha sido atravessada pela sua experiência (de vida, de linguagem), me reconhecido nela, me transformado com ela. e isso já é (quase) tudo que um livro (de poesia ou outro qualquer) pode almejar, não é? escrever a orelha do *noiva* é uma honra (e digo isso sem favor algum, apenas pelo impacto que ele também me causa, a cada vez que o leio). mais: por ser um texto que não se resolve entre prosa, poesia, diário, depoimento, ou qualquer outra modalidade literária (além do fato de, graças a deus, não estar, absolutamente, preocupado com isso) ele me faz pensar no *livro do desassossego*. em ambos vejo a mesma coragem, o mesmo desnudamento, a mesma *desnecessidade* de se formatar. o tensionamento lírico do seu texto, intercalado de humor (um humor auto-irônico e muito, muito refinado), me parece ser o resultado deste empenho (seu, nosso) em apreender, no pulo – mas com minúcia – o movimento das emoções e dos pensamentos. penso em clarice. é como se o artista, de embate em embate, tivesse chegado a um estado de exasperação tamanho, perante a linguagem, que, finalmente, mandasse tudo às favas. e, aí, justamente nesse despreendimento de todas as coisas (até, imagino, de uma certa ambição), é que ele vai conseguir alcançar o grau de tensão necessário para “rasgar” a linguagem, atingindo a “iluminação”. mas toda essa honestidade vertiginosa é sem ingenuidade: o seu eu